



**Universidade de São Paulo**

**Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI**

---

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Artigos e Materiais de Revistas Científicas - MAC

---

2012

# Memória da Pele: O Devir da Arte Contemporânea Afro-Brasileira

---

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/49329>

*Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo*



ARTIGO

**2**

MEMÓRIA DA  
PELE —  
O DE VIR DA  
ARTE  
CONTEMPORÂNEA  
AFRO-  
BRASILEIRA

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

## Resumo

O presente artigo aborda os aspectos narrativos, autobiográficos e autorreferenciais ligados à produção da arte contemporânea. A memória, o corpo e, em alguns casos, a história e a localidade são impressos nos objetos estéticos como forma de especificidade. Na contemporaneidade, os discursos pluriculturais fazem ressoar nesses objetos as vozes de homossexuais, de mulheres e de etnias menos privilegiadas. Nesse contexto, surgem criações plásticas impregnadas de africanidade ou que valorizam uma poética afro-brasileira (pertencente a artistas negros e não-negros) que se valendo dos signos, cores, materiais e motivos da tradição africana criam novos léxicos.

## Palavras-chave

Memória; Arte Contemporânea; Arte Africana e Arte Afrobrasileira

## Abstract

This article discusses aspects narrative, autobiographical and self-referential linked to the production of contemporary art. The memory of the body and in some cases, history and location are printed on aesthetic objects in order of specificity. In contemporary, multicultural discourses make these objects resonate the voices of homosexuals, women and underprivileged ethnic groups. In this context, there are creations of plastic impregnated Africanness or who appreciate a poetic african-Brazilian (owned by black artists and non-black) that are worth of signs, colors, materials and motifs of African tradition create new lexical.

## Key-words

Memory; Contemporary Art, African art and Art African-Brazilian

Alecsandra M. de  
Oliveira

Doutora em Artes Visuais –  
ECA/USP.

No mundo atual, pressionado por uma “pasteurização” de valores, a sensação de descontinuidade, de desencaixe e de fragmentação gera um sentimento de pouca “intimidade” com a realidade e justifica o crescente desejo de expressão pessoal que permeia a produção artística. Surgem propostas de reafirmação da individualidade e da localidade que utilizam a memória como arma de “resistência”. As buscas estéticas dirigem-se ao relato de histórias individuais, às particularidades das origens dos artistas, à sua atuação político-social, à genuinidade de lugares e ao entendimento do cotidiano urbano.

Os trabalhos artísticos apresentam-se, cada vez mais, narrativos, autobiográficos e autorreferenciais. A memória, o corpo e, em alguns casos, a história e a localidade são impressos nos objetos estéticos como forma de especificidade. Os discursos pluriculturais fazem ressoar nesses objetos as vozes de homossexuais, de mulheres e de etnias menos privilegiadas. Todos procuram dar sentido à existência, seja a sua própria ou a da coletividade<sup>1</sup>. Desvelar memórias pessoais torna-se movimento de resistência contra a apatia e a amnésia – sentimentos gerados por um contexto de excessos, estabelecido pela cultura da mídia e por setores sociais dominantes. A leitura pessoal das memórias se contrapõe à amnésia e a apatia que o oferecimento frequente de informações acarreta na cultura atual.

Nesse contexto, surgem criações plásticas impregnadas de africanidade ou que valorizam uma poética afro-brasileira (pertencente a artistas negros e não-negros) que se valendo dos signos, cores, materiais e motivos da tradição africana criam novos léxicos. O percurso das raízes africanas na arte moderna e contemporânea é bastante intenso. Das manifestações coloniais às vanguardas artísticas no início do século XX, a estética africana incorpora diversos discursos: o do “exótico”; o do “novo”; o da “identidade”, o da “alteridade” e, por fim, o da “memória”.

Quando a arte africana foi “descoberta” por Pablo Picasso, Matisse e por artistas expressionistas, os novos traçados, as cores e os signos remeteram a uma nova fonte criadora – de certa forma, a força da arte

---

1. BARBOSA, Sylvia Werneck Quartim. *De Dentro para Fora: A Memória do Local no Mundo Global*. São Paulo: PGEHA US, 2008 (Dissertação de mestrado), 35.

tradicional africana motivou a estética moderna<sup>2</sup>. O caráter comunitário dos objetos escultóricos, por exemplo, satisfazia aos sentimentos pessoais do escultor, mas também, exprimia as necessidades da comunidade na qual ele estava integrado<sup>3</sup>. A arte, então, constituía uma força unificadora dentro de cada comunidade, uma vez que reafirmava a identidade comunitária ao servir-se de uma linguagem (um veículo de comunicação). Os artistas modernos, talvez, tivessem uma interpretação equivocada da arte africana, vista como um “esforço para representar as formas naturais de modo abstrato<sup>4</sup>”, contudo, esses artistas atingiram de modo sensível a força-vital imanente dessa arte.

O grande contraponto entre a ideia de moderno e a tradição africana está na relação forma/conteúdo. Na arte africana forma e conteúdo estão intimamente ligados. A autonomia do objeto artístico é inexistente: seu caráter comunitário impede a ruptura com o meio social. O objeto estético africano somente adquire sentido quando integrado num todo com o qual tem relações determinadas<sup>5</sup>. A missão do artista é revelar a essência inerente àquelas formas. Por sua vez, o artista “é aquele capaz de criar a partir da madeira, argila ou ferro sentimentos, sensações, fruições – em que o utilitário se converte em estético”<sup>6</sup>.

Nas produções artísticas contemporâneas, há uma expressão artística com raiz negra? Ou seja, é possível distinguir uma tendência estilística permeada por conteúdos simbólicos ou elementos formais pertencentes à visão de mundo dos povos oriundos da civilização africana? No Brasil, artistas negros e não-negros utilizam-se dos referenciais da arte africana em suas poéticas? Na arte brasileira as influências africanas estão presentes desde a arte colonial. Porém, a chamada “arte afro-brasileira”<sup>7</sup>, correlacionada às questões sociais, étnicas e rituais passa por profundas mudanças no decorrer da história da arte brasileira.

---

2. AJZENBERG, Elza e MUNANGA, Kabengele. “Arte Moderna e o Impulso Criador da Arte Africana”. *Pesquisa em Debate*. Edição 9, Vol. 5, nº 2, jul/dez. 2008, p. 5.

3. Idem, p. 3.

4. SILVA, Dilma de Melo e CALAÇA, Maria Cecília Felix. *Arte Africana e Afro-Brasileira*. São Paulo: Terceira Margem, 2006, p. 25.

5. MUNANGA, Kabengele. “A Dimensão Estética na Arte Negro-Africana Tradicional”. In: AJZENBERG, Elza. *Arteconhecimento*. São Paulo: MAC USP/PGEHA, 2004, p. 30.

6. Idem, p. 50.

7. A qualificação afro-brasileira é bastante polêmica, sendo tachada de ambígua e provisória. Em argumentos menos ortodoxos, trata-se de um termo que atribui uma dinâmica de submissão aos elementos culturais africanos no Brasil.

Nessa trajetória, a arte ritual de matriz africana não mais identifica tão somente os negros descendentes da diáspora. Ela relaciona-se com todos aqueles que se hibridizam nessa ritualística. O universo simbólico rescindido pela diáspora desdobrou-se em diversas versões dos mitos fundantes de cada etnia e, principalmente, na reconstrução de diversas memórias<sup>8</sup>. Nessa perspectiva, a arte de origem africana adquire dimensões estéticas selecionadas ou adaptadas também por mestiços e brancos a fim de atender os novos contextos socioculturais.

Na passagem entre o moderno e o contemporâneo, nas artes visuais, assinala-se, como paradigma, a produção de Rubem Valentim que se organiza em torno de pesquisa formal dos temas construtivos. O crítico de arte, Clarival do Prado Valadares, define a obra deste artista, em termos universais, como uma semiótica de raízes culturais brasileiras “branca-luso-negro-índio”<sup>9</sup>. De inspiração construtiva, a memória dos orixás é distinta nas peças do artista: as cores e os materiais empregados auxiliam na composição dessas referências. Os objetos de Rubem Valentim, muitas vezes, constituem “altares” do Candomblé – uma evocação aos signos dos cultos afros; são, particularmente, objetos fronteiriços entre o ritual e o estético.

Mestre Didi também toma a tradição afro-brasileira, especialmente, a de conotação yorubana, na construção de sua poética. As memórias de seus ancestrais e os símbolos míticos do Candomblé comungam com os elementos da natureza, presentes nas obras de Mestre Didi – nesse ponto, assinalamos que o artista é um sacerdote do culto afro desde a infância. Transpassados por materiais de origem artesanal (são nervuras de palmeiras, mescladas pela incorporação do couro, contas e búzios), as peças de Mestre Didi passam do *status* da conotação sagrada e evidenciam uma estética singular, na qual a ordem natural subverte-se à ordem ritual e cósmica.

---

8. Os negros trazidos da África para o Brasil pertenciam a diversas ‘áreas etnoculturais’: sudaneses, civilizações islamizadas, civilizações bantos do grupo angola-congolês e civilizações bantos da Contra-Costa. PASSOS, Mara Martins. *Exu pede passagem: uma análise da divindade africana à luz da psicologia de Carl Jung*. São Paulo: Terceira Margem, 2003, p. 34.

9. VALADARES, Clarival do Prado. “O Negro Brasileiro nas Artes Plásticas”. *Cadernos Brasileiros*, nº 47, p. 97-109, maio/junho 1968.



MESTRE DIDI, *AKOKO IKORÉ* - OUTONO, 2000



RUBEN VALENTIM, *OBJETO MÍSTICO*, 1972

A temática afro-brasileira desponta no discurso das artes visuais contemporâneas, especialmente, em poéticas, tal como a de Rosana Paulino. As memórias dessa artista estão carregadas por sua ancestralidade, por questões que envolvem a violência, o gênero e a etnia. Na produção dessa artista se sente a problematização de um grupo social, “as mulheres negras”, na qual a artista também se insere. Os anseios e as preocupações desse grupo social pautam os trabalhos dessa artista de modo sensível e denunciador. O uso dos objetos domésticos do universo feminino e as referências ao corpo da mulher transformam-se em matéria-prima para a reflexão sobre o seu trabalho artístico e, sobretudo, sobre sua práxis social.



ROSANA PAULINO  
 PAREDE DA MEMÓRIA (WALL OF MEMORIES) 8x8x3CM - 1994  
 DETAIL MIXED MEDIA ON CLOTH



Em *Parede da Memória*, 1994, a artista monta um mural, um “álbum de família” impresso sobre delicados coxins. Na verdade, Rosana Paulino traça uma árvore genealógica – uma tentativa de reconstruir sua identidade a partir de sua ancestralidade. Para negros e descendentes, essa é uma questão-chave: a diáspora rompeu com os laços familiares e a reconstrução dessa linha condutora é algo extremamente importante para esse indivíduo. Nesse trabalho de Rosana Paulino, a linhagem ancestral define o presente ou ainda as memórias que constroem a identidade negra em último caso, de grande parte da população brasileira.

A “colcha” de ancestralidade, de certa forma, também está presente no trabalho *Navio Negroiro*, 2007, de Tiago Gualberto – jovem artista mineiro, que durante o ano de 2009, teve trabalhos expostos no Museu AfroBrasil. Em *Navio Negroiro* as 2.700 caixas de fósforos dispostas lado a lado mostram retratos 3x4 de documentos de identidade encontrados em bares e lugares conhecidos por “achados e perdidos”. Os temas da identidade e da memória convivem nesse trabalho e complementam-se em significados.



TIAGO GUALBERTO, *NAVIO NEGREIRO*, 2007

Em suma, a memória (de artistas negros e não negros) nas artes visuais traz consigo o debate e a exposição dos grandes temas socioculturais que atingem a cada indivíduo participante de uma coletividade. A força vital da arte africana, outrora revestida pelo moderno e agora travestida pela contemporaneidade, retoma as referências de uma ancestralidade que há tempos foi perdida – elos que já mais serão restaurados. Tal como os tons de pele, essa memória é hibridizada na arte contemporânea brasileira. Porém, é justamente o processo de reconstrução desses laços afros é que torna essa produção artística tão singular.



## Referências

- AJZENBERG, Elza e MUNANGA, Kabengele. "Arte Moderna e o Impulso Criador da Arte Africana". *Pesquisa em Debate*. Edição 9, Vol. 5, nº 2, jul/dez. 2008.
- BARBOSA, Sylvia Werneck Quartim. *De Dentro para Fora: A Memória do Local no Mundo Global*. São Paulo: PGEHA US, 2008 (Dissertação de mestrado).
- FUNARI, Eliany Cristina Ortiz. "A Poética da Natureza na Obra de Mestre Didi: Por uma Reconsideração da Ideia de Civilidade". In: CANTON, Katia. *Poéticas da Natureza*. São Paulo: PGEHA/MAC USP, 2009, p.p. 79-82.
- FUNARI, Eliany Cristina Ortiz. *Museu Afro Brasil – Lugar Contemporâneo da Memória Negra*. São Paulo: PGEHA, 2009 (Dissertação).
- MUNANGA, Kabengele. "A Dimensão Estética na Arte Negro-Africana Tradicional". In: AJZENBERG, Elza. *Arteconhecimento*. São Paulo: MAC USP/PGEHA, 2004.
- SILVA, Dilma de Melo e CALAÇA, Maria Cecília Felix. *Arte Africana e Afro-Brasileira*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- SILVA, Dilma de Melo e SALETE, Marcelo de. "Arte Africana e Afro-Brasileira". In: AJZENBERG, Elza. *América, Américas – Arte e Memória*. São Paulo: MAC USP/ PGEHA, 2007, p.p. 193-199.
- VALADARES, Clarival do Prado. "O Negro Brasileiro nas Artes Plásticas". *Cadernos Brasileiros*, nº 47, p. 97-109, maio/junho 1968.